



NAS BARRANCAS DO RIO PARANÁ: HISTÓRIAS E CAUSOS NA TRAVESSIA COM O GADO NA REGIÃO NOROESTE PAULISTA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem. 3665

Natalia Scarabeli Zancanari, UFGD

Resumo

Esta pesquisa aborda o modo de vida dos peões de boiadeiro na condução do gado durante sua passagem em comitivas pela Estrada Boiadeira, localizada entre o sul de Mato Grosso e o Noroeste paulista, especialmente entre os anos de 1915 a 1940. Esses homens atravessavam diversas paisagens em viagens que chegavam a durar meses, dentre esses trajetos surgem histórias e causos vividos pelos peões de boiadeiro e condutores durante sua travessia no rio Paraná. Neste caso, é possível perceber a mobilidade e a técnica dos peões de boiadeiro em conduzir milhares de bovinos, passando por caminhos desconhecidos e fazendo frutificar, em suas viagens, modos de vida do boiadeiro formando sua identidade. Desse modo, foram coletados relatos com antigos peões de boiadeiro e condutores que fizeram o trajeto pela Estrada Boiadeira, acompanhando histórias na tentativa de aproximar-se de seu cotidiano. Outras fontes como letras de músicas e recortes de jornais também fizeram parte do material empírico para o presente trabalho. Neste âmbito, a interpretação de dados proporcionou uma discussão sobre as adaptações no modo de vida desses sujeitos referente ao conhecimento adquirido nas viagens e sua influência deixada nos lugares por onde passavam. O estudo enfatiza a contribuição desses sujeitos não apenas na configuração social e econômica, mas também cultural da região do Noroeste paulista.

Palavras Chave:

Rio Paraná; Peão de Boiadeiro; Histórias.

Introdução

O desafio estava em descobrir como se constituía o cotidiano desses sujeitos durante as viagens por territórios distantes das cidades. O estudo dos peões de boiadeiro se deu por meio de indícios de sua cultura, experiências e histórias narradas. Essas experiências se revelavam ao longo dos trajetos percorridos pelas comitivas de peões de boiadeiro a fim de conduzir o gado, principalmente, nos caminhos do Noroeste paulista até a cidade de Barretos. O percurso iniciava-se no Pantanal sul mato-grossense com destino ao Estado de São Paulo, trajeto em que os peões vivenciavam variadas experiências, o que resultava em muitas histórias guardadas; colocando-nos a frente de um mundo possível, repleto de surpresas, de paisagens, de dificuldades e de outras cenas da vida.

Nesse sentido, o recontar da memória na busca de percepções e vivências dos personagens, que moldaram o espaço do Noroeste paulista, envolve a interpretação que tecemos sobre o mundo rural, segundo as narrativas de experiências ocorridas nessa região, ao longo dos séculos XIX e XX, as quais suscitam “reflexões acerca da memória estabelecida sobre esses espaços e sua gente” (PERINELLI; NARDOQUE; MOREIRA, 2010, p. 13). Desse modo, o método voltado para a construção de fontes orais é premido na intenção de aproximar a narrativa dos acontecimentos ao real vivido, às experiências e detalhes, buscando (re) produzir historicamente a rotina do peão de boiadeiro, a fim de descobrir modos particulares de sua existência.

Assim também é discutido parte da complexidade do conhecimento dos boiadeiros que conviviam com as diversas paisagens presentes pelos caminhos. Desta maneira, analisamos a prática do manejo do gado, entendendo-a como

inserida nas diversas paisagens relacionadas aos marcos referenciais. Indagamos ainda sobre os significados atribuídos à natureza no percurso das viagens, o que está influenciava diretamente na definição de roteiros das comitivas, valorizando o conhecimento dos boiadeiros.

O intuito foi o de estudar também como esses sujeitos eram vistos pela sociedade e como era desse comportamento sujeito diante dela, no desejo de (re) construir parte de sua identidade. Nesse caso, buscamos acompanhar as comitivas e seu cotidiano, entendendo-as como propiciadoras de elementos que aproximavam boiadeiros e condutores, procurando compreender aspectos que envolviam valores e práticas de seu trabalho e vida.

Histórias e causos na comitiva

A margem do Rio Paraná no Mato Grosso do Sul era chamada Porto do Taboado, enquanto a do lado paulista recebia o nome de Porto Vargas; ali a travessia era de fácil transposição, pela existência da Ilha Grande. Chegando até o Estado de São Paulo, mais precisamente próximo a cidade de São José do Rio Preto, a 213 quilômetros do Porto do Taboado, encontrava-se um local que propiciava aos fazendeiros investir em invernadas para acolher as boiadas que chegavam cansadas das longas viagens vindas de Mato Grosso e Goiás.

Para os criadores de gado de Paranaíba, no sul de Mato Grosso¹, conduzir o gado até Barretos passando por São José do Rio Preto evitava a enorme volta pelo Triângulo Mineiro e a perigosa travessia do rio Paranaíba, devido a existência de correntezas, onde houve casos de perderem uma boiada inteira, coisa que não ocorria no rio Paraná, que dava franca passagem mesmo em épocas de chuvas intensas ocasionando

¹ Paranaíba, localizada no hoje Mato Grosso do Sul, no final do século XIX era um dos principais

centros pastoris de Mato Grosso em que abundavam campos para a criação de gado, exportando anualmente milhares de reses.

enchentes, pois era a “largura do rio Paraná, no Porto do Taboado, de 834 metros” (ARAÚJO, 1998, p. 22-23).

As comitivas que vinham de Mato Grosso conduzindo a boiada se deparavam com chapadas e campos cerrados, ricos em capins de espécies como barba de bode, felpudo, flecha, fontes de nutrientes para o gado vacum, sendo a região de Vacaria os melhores terrenos de pastagens. Desse modo, “os campos de Mato Grosso, aos solos frequentemente desnudos de Goiás, opõem-se os planaltos sedimentares, cobertos de matas” (MONBEIG, 1984, p. 30). Nos planaltos paulistas, sucediam-se os campos e os cerrados e o domínio da pecuária substituíam as terras de cultura. Na parte esquerda, a vegetação era diversa, com imensos campos para a engorda do gado e dava-se a mistura de plantações de arroz, algodão e trechos da floresta ainda intacta.

O Rio Paraná separa, no tempo presente, o Estado de Mato Grosso do Sul do Estado de São Paulo. A travessia com o gado ocorria nas barrancas do rio, trecho que saía do Porto do Taboado, sul de Mato Grosso, e seguia para o Porto Vargas (SP), cujo traçado do rio era viável para travessia com o gado.

O transporte dos animais ocorria de modo lento, o que causava desgaste físico ao animal e ao peão de boiadeiro. Ambos eram obrigados a atravessar o rio de um lado para o outro, a nado. Mais ao sul do rio Paraná houve vezes em que se perdia grande número de boiadas. No período de navegação do Rio Paraná e seus afluentes, de início a relação se estabelecia por meio da travessia do gado de Mato Grosso para São Paulo e, mais tarde, na compra de produtos da região: “em função de sua demanda, como: peles de animais silvestres e erva-mate, ou no atendimento às necessidades de sertanejos que viviam na região, nos pousos de boiadas em seu trajeto no Sul de Mato Grosso” (ZILIANI, 2010, p. 103).

O intenso fluxo de boiadeiros era lugar privilegiado para a observação das

paisagens, assim como das comitivas que transitavam sobre o traçado da Estrada Boiadeira. A travessia do rio mais ao sul “possibilitava um vislumbre de um rio que, de tão largo, mais parece um mar e que, deslizando por entre ilhas maravilhosas, vai proporcionando ao viajante, a visão das cenas mais deslumbrantes e inéditas” (ZILIANI, 2010, p. 111).

O animal chegava no Estado de São Paulo magro e cansado pelas longas viagens e, ao atravessar o rio encontrava pastagens verdes para recuperar seu peso, nas grandes fazendas de invernadas. Era ali que descansava para a última etapa que seriam os frigoríficos. Desse modo, “na franja pioneira, essas invernadas encontram-se na posição geográfica mais favorável para receber as boiadas emagrecidas (...). Depois da engorda, os animais cobrem facilmente o trajeto que o separa de Barretos” (MONBEIG, 1984, p.305). Nesse caso, a região Noroeste paulista se tornava a principal via de penetração para o gado vindo do sul de Mato Grosso.

Na observação da paisagem natural da região que se localizava às margens do Rio Paraná, no lado paulista era possível apreciar fauna e flora, em que se encontravam plantas de todas as espécies, árvores seculares, flores variadas e a predominância do verde das matas. A fauna também se destacava nessa região.

Garças róseas e brancas, sempre em bando, oferecem uma nota sugestiva a inúmeras e originais aves de que é farta essa região entre. Jacarés, macacos, capivaras são vistos na viagem e algumas vezes até o espécimen é percebida no trajeto ao longo do Rio Paraná (CUSPMT, 1938 apud ZILIANI, 2010, p. 111).

As travessias do gado estão sempre presentes nas narrações dos condutores e peões de boiadeiro, sendo vistas como obstáculos naturais, em situações que, muitas vezes, recordam travessias mal sucedidas com grandes

perdas de boiadas.

E para atravessar o rio, nossa senhora era brabo quando tinha balsa e quitava boa, nós jogava, cabia 150 boi. Tinha vez que nós vinha com três, quatro, cinco mil boi, aquele córgão. Fazia assim, pegava as mula, os cavalo, jogava para dentro da água, assim num dava pra ver nada, juntava no rabo do boi, o bichinho crescia num mundo e nós saia²

Como salientado, a travessia constituía-se num momento difícil para o peão de boiadeiro, exigindo habilidades do condutor e de sua comitiva para vencer os obstáculos, ao serem capazes de reafirmar sua capacidade e destreza para enfrentar o meio.

Os relatos de condutores de gado sobre a passagem das comitivas em rios revelam as habilidades desses sujeitos diante das dificuldades do cotidiano.

Os vaqueiros [...] contaram que as piranhas são muito prejudiciais quando se passa um grande rebanho no rio. Nessa ocasião os homens cutucam uma rês até entrar no rio. Como as piranhas seguem a corrente do rio com o animal morto, as outras reses podem ser passadas com certa segurança e sem muito receio de ocorrer o “estouro da boiada”. (JONES,1950, p. 359).

Nas descrições dos entrevistados, entre outras fontes, é possível observar a balsa como elemento de transporte nos rios, mas quando elas não existiam os animais seguiam a nado. A narrativa a seguir descreve as técnicas utilizadas pelos peões para atravessar o rio sem molhar as roupas e o perigo da perda da boiada.

Às vezes no tempo da chuvarada, no rio a gente passava a nado, o burro passava a nado, o boi a nado.

Então a gente tirava a roupa do corpo e punha no chapéu né a cinta, nós ponhava a roupa debaixo do chapéu e ponhava na cabeça, tirava a cinta e amarrava no queixo, apertava bem e você tinha aquela roupa enxuta, aí você jogava aquela boiada na água e você ia nadando. Então a água era de correnteza, ia te jogando e você voltava, ia e voltava, até sair do outro lado. As vez morria até boi afogado³.

Os peões sofriam muito para chegar ao ponto de pouso, principalmente porque se molhavam e molhavam também sua tralha de montaria. Esses jeitos de levar as roupas eram técnicas inventadas por eles de modo que não ficassem encharcados durante a viagem. Nos dias de chuvas intensas, a comitiva não parava, o burro era pego e encilhado mesmo na chuva. Contudo, durante o período de estiagem, a situação se invertia e a escassez de água era mais uma preocupação dos boiadeiros, não somente para consumo próprio, mas também para a boiada e a tropa.

Durante a seca, havia muita poeira na estrada, sendo essa época do ano a mais difícil de se encontrar água para tomar banho. “Das tardes quentes de agosto suor do meu rosto coberto de pó. De quebrada em quebradas nas longas estradas Só Deus tinha dó”. Em alguns trechos da música, na referência à parte sul mato-grossense, é possível perceber que no tempo da seca andavam-se dois dias e não se encontrava água, sendo a única coisa a fazer encontrar uma fazenda que tivesse açude para que o gado e o peão de boiadeiro pudessem matar a sede.

Já fiquei quinze dias sem tomar banho até achar um rio. Aqui no Chapadão, de Costa Rica até Cassilândia, não achava um palmo de rio nem pelo amor de Deus. Nas represas dos fazendeiros, nós metia

²Antonio Eufrásio. Entrevista realizada por Natalia Scarabeli Zancanari. Santa Fé do Sul-SP, 18/09/2008.

³Adelino Alves Siqueira. Entrevista realizada por Natalia Scarabeli Zancanari. Santa Fé do Sul – SP, 17/02/2011.

o alicate, cortava a cerca pro gado ir beber água. Ixi! Eu já cortei muitas veiz. Jogava a boiada dentro que bebia água e depois ia embora⁴.

Por meio da narrativa, torna-se possível alcançar o vivido, na direção de perceber algumas atividades econômicas, propiciadas pelo gado, criado no sul de Mato Grosso. É possível perceber ainda a mobilidade e a técnica dos peões de boiadeiro em conduzir milhares de bovinos, passando por caminhos desconhecidos e fazendo frutificar, em suas viagens, modos de vida do boiadeiro formando sua identidade.

Após a travessia do rio Paraná, já nas barrancas do Porto Vargas (SP), continuava se sua viagem, de muitas léguas, até as invernadas que estavam localizadas próximas à região Noroeste paulista⁵, mais especificamente nas cidades de São José do Rio Preto, Votuporanga e Fernandópolis.

O rio Paraná, por sua vez, ligava estradas, caminhos e economias de um estado para o outro, dentre elas o gado. Isso contribuía para a troca de mercadorias, vendas, ou seja, para a economia dos estados paulistas e sul mato-grossenses.

As observações das estações climáticas feitas pelos peões de boiadeiro definiam e modificavam sua viagem. Segundo Goulart (1961), o mês de março era propício para as longas viagens, pois as pastagens estavam ainda verdejantes devido ao fim das estações de chuva e não havia o perigo de as estradas se transformarem em atoleiros prejudicando a passagem do gado. A depender da estação do ano, o nível das águas impunha maiores dificuldades à passagem do rio, o que às vezes aumentava o tempo do percurso.

O período sem chuvas

ocasionava a falta de água em alguns trechos, problema que não ocorria na região Noroeste paulista onde existiam muitos córregos à beira da Estrada Boiadeira. Deste modo, para a execução do ofício das comitivas de boiadeiros não era necessário somente o conhecimento dos rios onde atravessavam com a boiada, mas exigia se também do viajante a habilidade no transporte desse gado durante a travessia para que ele chegasse saudável ao seu destino. Nas marchas, com muitas de cabeças de gado, as comitivas enfrentavam adversidades de acordo com as estações do ano, como enchentes, cheias, vazantes e secas.

Ao passar esse desafio de atravessar o rio, a boiada prosseguia ainda que cansada junto aos peões de boiadeiro. Com dificuldade e a passos mais lentos, a viagem era retomada. Como narram os entrevistados, era possível ouvir o som do berrante na mão do ponteiro anunciando o reinício da marcha.

À frente, como destacado em outros momentos, se encontrava o cozinheiro em algum ponto de pouso aguardando a comitiva para o jantar. Descarregavam os apetrechos, tocavam uma moda de viola para espantar um pouco a solidão e dormiam nas redes, em palhoças cobertas, de alguma fazenda ou quando não tinham palhoças dormiam ao relento protegendo-se do frio e da chuva com a capa^{Esse} era o momento mais apropriado para encerrar a caminhada e descansar, possibilitando aos animais pastarem até o dia seguinte. Nesse caso, existiam semelhanças com a partida da comitiva, pois se fazia necessária a contagem do gado na chegada e na saída do pouso.

No dia seguinte, ao alvorecer, a comitiva começava a se aprontar para um novo e longo dia de caminhada. O

⁴ Antonio Eufrásio. Entrevista realizada por Natalia Scarabeli Zancanari. Santa Fé do Sul SP, 18/09/2008.

⁵ Em geral, segundo Perinelli (2010, p.63) “entende-se atualmente por região Noroeste

paulista a área administrativa formada pelas regiões de Araçatuba e São José do Rio Preto, ou seja, o território situado entre os eixos Catanduva a Santa Fé do Sul e Cardoso a Novo Horizonte”.

cozinheiro preparava o café enquanto o condutor e alguns peões contavam os bois e, ao som do berrante, a tropa seguia viagem.

A condução do gado exigia muita paciência, sendo esta uma característica marcante da personalidade dos boiadeiros que era exercitada diariamente, pois havia a necessidade de se conduzir o gado a passos lentos para que este chegasse saudável ao seu destino. O gado e a tropa seguiam pastando na direção orientada pelo condutor e ponteiro. Assim, qualquer perigo na estrada era avisado pelo ponteiro aos outros companheiros que vinham logo em seguida com a boiada.

Considerações Finais

A partir da vivência observada no trabalho que os boiadeiros realizavam (e ainda realizam) no transporte do gado de uma região a outra foi possível notar a riqueza do conhecimento da natureza as técnicas utilizadas no manejo com o gado, a capacidade de observação desses sujeitos, bem como a importância de seu viver como percepção sobre o valor cultural exercido durante sua atividade e na transformação dos lugares por onde passavam, ou seja, entre o sul de Mato Grosso e o Noroeste Paulista.

A interpretação dos dados, nesta pesquisa, revela que os peões de boiadeiro representam um tipo cultural associado à pecuária nas regiões como Mato Grosso e São Paulo, pelos caminhos de condução, compra e venda de gado. Assim, buscamos desvendar uma parte do modo peculiar de ser e o mundo envolto desses sujeitos, buscando, por meio das entrevistas, letras de músicas, entre outras fontes, o imaginário e as sociabilidades construídas em torno de sua figura, simbolizando-o como um agente social.

Além das técnicas necessárias para o desempenho de seu trabalho, os boiadeiros, nas comitivas, possuíam rituais cotidianos para sua organização, os quais à primeira vista pareciam ser simples, mas que foram denotando a sua complexidade.

Esses homens que percorriam a Estrada Boiadeira estavam imbuídos de conhecimentos, experiências e valores éticos, tal como pode ser observado nos momentos em que ocorria alguma intempérie, como, por exemplo, uma doença dos peões, ou mesmo nas regras da cozinha. Isto se incorpora à prática de um diversificado sistema de regras, mitos, rituais que evidenciam a cultura dos peões de boiadeiro e condutores. Durante as viagens em comitivas pela Estrada Boiadeira, esses sujeitos desenvolviam conhecimentos tradicionais, originando um processo de adaptação para a sobrevivência nas diferentes condições do ambiente, como o contato com a natureza desenvolvendo uma forma de vida própria. O cotidiano de trabalho era repleto de desafios, surpresas, perigos e cenas de um viver característico. Acerca disso, procuramos apontar os conhecimentos adquiridos na natureza e os fluxos interpretativos de seu modo de vida que deram origem à (re) construção da identidade de “ser peão boiadeiro”, mais ainda que a de “ser condutor”.

Referências

ARAÚJO, Edinho. **O sonho realizado**. São José do Rio Preto, SP, Editora Rio-Pretense, 1998.

JONES, Clarence F. **AFazenda Miranda em Mato Grosso**. *Revista Brasileira de Geografia*. Sumário do número de julho-setembro de 1950.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**, São Paulo, Editora Polis 1984.

GOULART, José Alípio. **Tropas e Tropeiros na Formação do Brasil**. Rio de Janeiro. Editora: Conquista, 1961.

PERINELLI NETO, Humberto; NARDOQUE, Sedeval; MOREIRA, Vagner J (Org). **Nas margens da Boiadeira territorialidades, espacialidades, técnicas e produções no Noroeste paulista**. São Paulo. Editora: Expressão Popular, 1ª edição, 2010.

ZILIANI, José Carlos. **Colonização:**

***Táticas e estratégias da Companhia de
viação São Paulo Mato Grosso (1908-
1960)***. Assis, 2010. Tese (Doutorado em

História)-Faculdade de Ciências e Letras de
Assis, Universidade Estadual Paulista.